

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: ACOLHIMENTO DA COMUNIDADE LGBTQIA+ NO AMBIENTE ESCOLAR NO CEEP ICEIA¹

Cristiano Nascimento Oliveira²

RESUMO

O artigo propõe compreender como o corpo, gênero e sexualidade são debatidos e enfrentados no Centro Estadual de Educação Profissional Formação e Eventos Isaias Alves (CEEP ICEIA), colégio público de Salvador-Bahia. Como forma de entender essas questões, adota-se a análise de observação participante e a realização de entrevistas com os gestores da escola. Espera-se, assim, contribuir para o aprofundamento dos debates sobre a temática na sociedade e destacar a importância de estimular práticas de debates acerca da diversidade sexual na escola, campo institucional onde se forma a identidade do indivíduo, mas também espaço disciplinador que fortalece ideais de vigilância sobre os corpos.

Palavras-chave: Centro Estadual de Educação Profissional Formação e Eventos Isaias Alves - Pesquisa. Educação sexual - Salvador (BA). Identidade de gênero na educação - Salvador (BA). LGBTQIA+.

ABSTRACT

The article proposes to understand how the body, gender and sexuality are debated and faced at the Centro Estadual de Educação Profissional Formação e Eventos Isaias Alves (CEEP ICEIA), a public school in Salvador-Bahia. As a way of understanding these issues, participant observation analysis and interviews with school managers are adopted. It is hoped, therefore, to contribute to the deepening of debates on the subject in society and to highlight the importance of stimulating practices of debates about sexual diversity at school, an institutional field where the identity of the individual is formed, but also a disciplinary space that strengthens ideals. surveillance over bodies.

Keywords: Gender identity in education - Salvador (BA). LGBTQIA+. Sex education - Salvador (BA). State Center for Professional Education Training and Events Isaias Alves - Research.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação do Prof. Dr. Robério Augusto Leal Sacramento.

² Discente do Curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab

1 INTRODUÇÃO

No amplo universo dos estudos de gênero, é possível reconhecer o surgimento de práticas culturais oriundas de espaços sociais e educacionais. As escolas de ensino básico apresentam elementos e aspectos sensíveis relacionados a valores culturais, a formas de pertencimento e à identidade dos sujeitos. Nesse sentido, é relevante destacar que as o corpo de pessoas trans acionam formas de comportamento social, isto é, compartilham afetos, gostos e performances que alteram a formas de vivenciar o contexto das experiências escolares.

Pretende-se sublinhar que os conceitos de corpo, gênero e sexualidades compartilham mais do que uma origem e formas de ser. Eles apresentam, também, traços em comum no que se refere ao comportamento. A sexualidade reverbera provocações que no público escolar, uma vez que alimentam uma sexualidade marcada por uma existência heteronormativa, pois compreende-se que há aspectos que compartilham diferenças e semelhanças entre os gêneros e que em certa medida as instituições de ensino não conseguem ultrapassar as barreiras. Corroborando com esta questão, pode-se argumentar que a necessidade de formação da comunidade escolar é o ponto-chave para que comecemos a reconhecer os diversos corpos.

De modo especial, perceber a potencialidade nos discursos sobre corpo, gênero e sexualidade nas escolas revelam, também, seus intensos laços afetivos e carrega, é claro, marcas de suas outras identidades e de suas múltiplas posições. Para Guacira Lopes (1997, p.24) a pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos.

E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias.

Dessa forma se afirmamos que o gênero estabelece a identidade do sujeito, podemos compreender que gênero vai além de exemplificar o papel do sujeito na sociedade, mas entender que o gênero faz parte do sujeito, ou seja, parte de sua constituição. Nessa perspectiva compreende-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e que estas práticas e instituições "fabricam" os sujeitos (LOPES, 1997).

O presente artigo pretende compreender como o corpo, gênero e sexualidade são debatidos e enfrentados no Centro Estadual de Educação Profissional Formação e Eventos Isaias Alves (CeepIceia), colégio público de Salvador-Bahia, no qual leciono. Dessa forma,

alguns questionamentos nortearam este estudo: quais as estratégias utilizadas pela escola para atender a multiplicidade de sujeitos? Como abordam a sexualidade? Como processam uma encenação performática em relação aos desejos sexuais dos alunos? De que maneira ocorrem as estratégias pedagógicas para formação do docente? E, como ocorrem as negociações entre referências estéticas de gênero, corpo e sexualidade na educação contemporânea?

Para responder tais questionamentos, tomamos como objeto de estudo o (CeepIceia). A princípio, como forma de compreensão dessas relações e questionamentos, utilizaremos como corpus de análise o instituto de educação, justamente, pelo fato de ser um observador da atmosfera educacional do colégio. A escolha do corpus foi feita com base na minha vivência escolar que me permitiu pensar e analisar este objeto de estudo tão próximo e afetivo, compreendendo os desvios e na capacidade de trocas de repertórios que constituem a vitalidade da educação contemporânea.

2 ICEIA: 185 ANOS DE MUDANÇAS E ADAPTAÇÕES

Uma das escolas mais antiga da Bahia, o Ceep Iceia, administrado pelo governo estadual, tem 185 anos. Durante esses longos anos, passaram pelo colégio diversos alunos, professores, colaboradores e servidores da Secretaria Estadual da Educação (SEC), seus por um bom tempo a escola era conhecida pela formação de professores no magistério, conhecida como Ensino Normal na Bahia, mas desde 2018, a escola se transformou numa “Escola Fábrica do Espetáculo”³, ou seja, se tornando uma instituição que oferece cursos da área cultural (Teatro, Artes Visuais, Restauro, Fotografia, Produção Áudio e Vídeo e Cenografia), esses cursos estão na modalidade subsequente, os cursos de Informática, Redes e Computação Gráfica são ofertados na modalidade concomitante com o ensino médio.

Por conta dos cursos de artes, percebeu-se que a diversidade de gênero, sexualidade e identidade no ambiente escolar foi alterando, uma vez que por se tratarem de cursos técnicos e da área cultural, a discussão acerca de gênero começou a ser comum. Um dos motivos para jornalista da revista Abril, Pedro Tinoco (ONLINE, 2020)⁴

O conservadorismo nos costumes é uma expressão visível de movimentos políticos que varreram o mundo nos últimos tempos. Alguns anacronismos como o já

³ O governo da Bahia criou diversas escolas técnicas com temáticas específicas.

⁴ Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/cariocas-espantam-preconceito-assuem-sexualidade-sem-medo/>. Acessado em: 24/11/2021.

histórico brado “meninos vestem azul, meninas vestem rosa” às vezes ainda batem à porta. Mas estes ventos embolorados do passado, que teimam em ecoar o preconceito e a intolerância, colidem com outros, que empurram as sociedades rumo a um novo degrau civilizatório: das liberdades individuais exercidas em seu sentido mais amplo. São as jovens gerações que estão capitaneando a mudança, que traz com ela a diversidade como um valor inegociável. Neste cenário arejado, a questão da sexualidade vem à mesa da sala de jantar de forma natural, saudável e multifacetada, como cabe à condição humana, e assim cresce o número de pessoas que expõe ter atração tanto por homens como por mulheres, assumindo-se bissexuais – embora boa parte prefira até fugir desse (e de qualquer outro) rótulo.

Nessa conjuntura a escola precisou reinventar seu modo de acolhimento e prática pedagógica não só entre os alunos, mas com toda comunidade escolar. Isso foi essencial para compreender os corpos que estavam chegando ao ambiente e que precisavam saber que estavam em um lugar seguro, no qual pudessem compartilhar e vivenciar suas experiências. Os espaços verdes, o teatro, tudo que o Iceia possui, torna-se fundamental para a cena cultural de Salvador e da Bahia. O colégio pode ser considerado um patrimônio cultural e educacional.

Para a sua construção cabe registrar que a atuação do diretor da Escola Normal da Bahia, Álvaro Augusto da Silva, foi fundamental. Esse educador justificou a necessidade da sua construção com argumentos que iam além daqueles usualmente utilizados à época: para ele, a nova edificação deveria não somente suprir as crescentes demandas por vagas escolares, mas também ter uma arquitetura apropriada para formar cidadãos pertencentes à uma sociedade em transformação. Para acompanhar os fatores de progresso e civilização da Bahia a escola deveria contar com espaços aptos para ampliar a formação dos estudantes. Assim, foram propostos espaços para a realização de cursos de educação artística, científica e física, além de outros dedicados à socialização dos estudantes (BIERRENBACH; CARDOSO, 2018, p. 3)

O Iceia nasceu com o propósito de fazer uma referência à nova escola, ou seja, uma instituição de ensino que fosse esteticamente moderna, assim como o ensino. Essa estética da nova escola é uma forma de concepção de acordo com as bases propostas pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Em 2018, o Iceia passou por uma reforma e com isso, a comunidade começou a matricular estudantes, chegando a ter mais de dois mil estudantes matriculados nos três turnos da instituição.

Ao atuar como professor gay, cis e branco, tive que me reinventar ao adentrar este espaço, criando debates, instigando a coordenação e fazendo com que os alunos percebam que estamos diante de uma contemporaneidade em que a escola para de ser apenas um agente formador, mas transformador e acolhedor. Por isso, compreender a escola através da observação de campo como ocorreu/ocorre o acolhimento de alunos LGBTQIA+ no Iceia e as formas de trabalhos que a gestão escolar busca realizar para diminuir as diferenças e

preconceito, nos faz refletir não só o papel do professor, mas reconhecer as principais mudanças nos processos acompanhamento pedagógicas na contemporaneidade;

Outro fator de mudança que foi essencial para a o Iceia é o debate que professores e gestão intensificaram à luta contra o preconceito de gênero, sobre conduta sexual, uma vez que esse elemento é constante nesse imaginário escolar. Além de entender certas características metodológicas adotadas pela instituição acerca da comunidade LGBTQIA.

Quando pensamos na noção de gênero, uma das primeiras questões que devemos levar em consideração é que Segundo Butler (1990) é uma construção social, desenvolvida a partir do social. Para Jesus (2012), gênero se refere ao que somos, ou seja, cada um(a) de nós somos únicos, porém com características comuns. Se pensarmos nas identidades, vamos observar que elas nos identificam com alguns e nos tornam diferentes de outros, “a partir da região em que nascemos e crescemos, nossa raça, classe social, se temos ou não uma religião, idade, nossas habilidades físicas, entre outras que marcam a diversidade humana. Dentre essas dimensões, este guia se foca na do gênero” (JESUS, 2012, p. 07).

A discussão torna-se ainda mais relevante quando associamos gênero com a relação de corpo, Guacira Lopes (2000) vai defender que o corpo parece ter ficado fora da escola, assim como gênero tem pouco espaço para debate escolar, temos uma matriz curricular que não abrange determinadas questões, trazendo uma discussão somente no campo da sexualidade e mesmo assim no componente curricular das ciências ou biológicas. Para Lopes (2000, p. 60),

a primeira impressão quando observamos as mais consagradas teorias educacionais ou os cursos de preparação docente. E talvez não nos surpreendamos com isso, já que nossa formação no contexto filosófico do dualismo ocidental leva-nos a operar, em princípio, com a noção de uma separação entre corpo e mente Importante teórica negra feminista, bel! hooks lembra-nos de tal dicotomia, afirmando que, por isso, nós, professoras e professores, entramos numa sala de aula como se apenas a mente estivesse presente, como se fôssemos, todas, "espíritos descorporificados".

No âmbito da sexualidade, pretende-se utilizar o que Michel Bozon (2004, p. 25), retrata, o autor diz que ela é construída socialmente pelo contexto cultural e tem papel importante na legitimação da ordem entre os sexos e entre as gerações. Assim as sexualidades são determinadas culturalmente e sofrem pressões de diversas formas que variam a cada época, construindo um intrincado jogo de códigos de conduta. Guacira Lopes Louro (2007 e 2010) acrescenta que “podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagem, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais”.

Ao analisar os parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual para questões de gênero trazem em seu bojo histórias de injustiça para com as mulheres, “nas mais diversas dimensões da vida, do cotidiano na vida privada a situações profissionais. Injustiças frequentemente agravadas, quando se manifestam em conjunto com problemas vinculados a discriminação por motivo de raça/etnia, cultura, exclusão socioeconômica” (BRASIL, 1997, p. 22).

Se analisar as Políticas de Gênero e Diversidade Sexual, Catrinck; Magalhães; e Cardoso (2020), nos apresenta como as principais políticas públicas educacionais de gênero e diversidade sexual nas instituições de ensino ainda continuam sendo um dos principais tabus, justamente pela falta de instrução dos professores e comunidade escolar. Souza e Fialho (2020) explicam o porquê às temáticas de gênero e sexualidades precisam constar nos projetos políticos-pedagógicos das escolas e quais os fundamentos legais para que isso ocorra.

É notório o avanço das políticas públicas educacionais no período de 2003 a 2010 em direção à valorização e respeito à diversidade, sobretudo com a inclusão dos Temas Transversais no currículo escolar, em destaque o tema Orientação Sexual. Indiscutivelmente, os parâmetros Curriculares Nacionais se configuram, dentre os documentos oficiais que norteiam o currículo escolar, num importante avanço em relação ao reconhecimento de uma perspectiva de gênero e sexualidade (SOUZA E FIALHO, 2020, p. 191).

Analisando a apresentação do tema transversal acerca da orientação sexual comprova que desde a década de 1970 a discussão sobre a necessidade da inclusão da temática da sexualidade no currículo da escola vem sendo energizada, os autores mostram como ainda estamos atrasados em colocar nas pautas pedagógicas, uma vez que na contemporaneidade a urgência se apresenta em cada instituição de ensino, principalmente, na educação básica. É essencial reconhecer que as mudanças no comportamento das crianças e adolescentes estão em constante transformação. A pluralidade de corpos e sujeitos é o que faz a urgência de alterarmos nossas formações pedagógicas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Investigar de que forma corpo, gênero e sexualidade são acionados no CEEP Iceia, uma vez que tais noções tensionam modelos de comportamento associados à sexualidade e educação – elemento constitutivo desse universo contemporâneo do processo de ensino e aprendizagem, partindo ainda da noção de cosmopolitismo que desempenha um papel

preponderante neste processo, possibilitando um intenso debate social, negociando códigos compartilhados.

Para compreender a dinâmica contemporânea das noções de gênero, corpo e sexualidade, esse artigo adotou um conjunto de ações e procedimentos sistemáticos. Em relação aos métodos técnicos que serão utilizados, propomos algumas etapas para o desenvolvimento do estudo proposto.

Em um primeiro momento, será realizada uma revisão bibliográfica, em livros, por meio de pesquisas em teses, dissertações e periódicos científicos sobre a temática. Essa fase do projeto sustentará o debate com questões teóricas de fundo e aprofundará a discussão. Na etapa seguinte, buscaremos compreender como o Iceia vem se estruturando para atender a comunidade LGBTQIA+.

Isso foi possível por meio da observação participante e foram realizadas ainda entrevistas com os gestores da instituição, de acordo com a viabilidade e disponibilidade dos entrevistados. Nelas, os entrevistados serão estimulados a emitir opiniões sobre o tipo de negociações acionadas pelas questões de gênero e sexualidade.

Vale ressaltar que a observação participante é uma das “técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos” (QUEIROZ; VAL; SOUZA e VIEIRA, 2007, p. 278), isso significa que o pesquisador participante busca partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. Dessa forma, podemos apontar que na observação participante, tem-se a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto, o que busquei realizar nesta pesquisa, contrapondo-se ao princípio de isolamento, uma vez que vejo a minha vivência no colégio como algo importante para radiografar a proposta do nosso trabalho.

Penso ainda, mesmo sabendo que não sou antropólogo, a autoetnografia de alguma forma me auxiliou no processo de tentar compreender o que eu, enquanto corpo e sujeito, posso corroborar para o entendimento do tema.

A autoetnografia escorrega, evita definições simplistas. É a colisão entre as ciências humanas e as artes, as teorias e as emoções, a “performatividade” – o que acontece agora – e a performance – o que já aconteceu (estudo feito) – é a presença do corpo do(a) pesquisador(a) na linha de frente da pesquisa, no momento da criação (texto ou a performance/apresentação) (BRILHANTE; MOREIRA, 2016, p.1100).

Por isso, acredito que este trabalho foi desenvolvido através de uma metodologia que embora não seja nova, ainda é inovadora: a autoetnografia. Segundo Ellis e Bochner (2000), a

autoetnografia é um gênero autobiográfico de escrita e pesquisa que apresenta diversos graus de consciência, conectando o pessoal ao cultural, expondo frequentemente um “os pontos fracos e fortes do pesquisador”. Vale lembrar que, diferente da etnobiografia (Gonçalves; Marques; Cardoso, 2013) – na qual a área da antropologia analisa a respeito da trajetória de uma outra pessoa para analisar fenômenos socioculturais – na autoetnografia, a reflexão é sobre a nossa própria experiência, ou a partir dela, a fim de analisar questões da à qual pertencemos.

Posso afirmar que tanto a observação participante quanto a autoetnografia, são metodologias que exigem um olhar atento da reflexividade. Para Grant (2014), pesquisas autoetnográficas “desempenham um valioso papel na antropologia: expõem partes de fenômenos culturais que as pessoas vivem”.

Adicionalmente, uma pesquisa de campo em forneceu elementos sobre o comportamento dos estudantes e colaboradores escolar, das aulas didáticas, dos debates morais e estratégias de comunicação da escola. Será importante ir a campo, pois iremos compreender melhor como as interpretações acerca dos usos e dos contextos sociais de dessas noções citadas acima estão entrelaçadas no ambiente escolar.

4 VIVÊNCIAS E AÇÕES PARA A POPULAÇÃO LGBTQI+ NO ICEIA

No início de 2018, quando iniciei minha vida acadêmica no Iceia, encontrei alguns procedimentos didático-pedagógicos que não condiziam com a minha formação enquanto professor gay. A forma como era realizada o tratamento sobre orientação sexual na escola, as identidades de gênero e também de classe/raça, pensando realmente na interseccionalidade. Penso que alunos LGBTQIA+ precisam ser tratados igualmente aos demais, mas isso depende de como a gestão escolar constrói socialmente, estes alunos passam por sofrimento, humilhação, invisibilização e falta de reconhecimento.

É interessante pensar numa escola para não ser lembrada pelo sofrimento, como me lembro da época de aluno no ensino básico; para que esses jovens que estão hoje na escola, daqui a alguns anos, se lembrem da instituição que estudaram como lugar incluyente, democrático, aberto, que considera todas as vivências. A escola é um espaço extremamente importante, pois passamos parte das nossas vidas formando pessoas que vivem em sociedade e vão encontrar diversas situações preconceituosas. Dessa forma, o acolhimento escolar vem atravessar essas questões e ponderar a necessidade de não criarmos corpos normalizados, pois

ao fazer isso, estamos contribuindo para a construção de corpos abjetos, desumanos, corpos não aceitos etc.

No Iceia temos estudantes com diversos perfis e identidades de gênero, alunos e alunas transexuais, não binários e cisgêneros. Já em relação à orientação sexual, fica difícil identificar, pois nem todos falam abertamente sobre sua orientação, uma vez que não existe na matrícula nenhum formulário no qual estudantes indiquem sua orientação.

Em março de 2017, o governador Rui Costa assinou o decreto Nº 17.523, que garantiu "o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da Administração Pública Estadual direta, autárquica e fundacional". Desde então, toda pessoa trans pode requerer o direito ao nome em que é reconhecida socialmente, em detrimento ao nome de registro, o que vem ocorrendo no Iceia.

As pessoas transexuais e travestis, que muitas vezes são mais afetadas com o estigma e o preconceito da sociedade, também contam com uma importante ação, desta vez fruto de parceria com a Organização das Nações Unidas (ONU): o Projeto Trans-Formação. Destinado às pessoas transexuais, travestis e não-binárias de Salvador e Região Metropolitana, a iniciativa da ONU no Brasil, por meio da Campanha Livres & Iguais, conta com o apoio SJDHDS, através do Centro de Promoção e Defesa dos Direitos LGBT (CPDD), e do Ministério Público do Trabalho (MPT), e oferece capacitação em políticas públicas e sociais para o empoderamento de 25 pessoas T*, selecionadas via edital (ONLINE, 2019)⁵

Interessante, entender que a escola assim como o governo precisa atuar pela igualdade, garantindo direitos e enfrentando a ignorância e o preconceito que ainda hoje prevalecem. Se pensarmos apenas na Bahia, que é um estado de diversidade e respeito, “é essencial continuar trabalhando contra os crimes de ódio, as violações de direitos humanos e contra a população LGBTQIA+” como destaca a diretora do Iceia, Maribel Costa Silva (2022).

Ao ministrar em 2021, a disciplina de Projeto de Vida, entre alunos e alunas do primeiro ano do ensino profissional, foi possível discutir questões mais profundas sobre gênero e sexualidade, a proposta da matéria é discutir sobre diversos pontos que marcam a adolescência e entre os módulos, existia um específico sobre essas temáticas, mesmo que não aprofundada.

Projeto de Vida, destinado, inicialmente, para as turmas de 1ª série do Ensino Médio. Esse campo curricular está expresso na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como uma das competências gerais a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica, estando vinculado com a liberdade, autonomia, criticidade e responsabilidade. O Projeto de Vida, ainda de acordo com a BNCC, está integrado à

⁵ Disponível em: <http://www.justicasocial.ba.gov.br/2019/06/2920/Bahia-atua-na-promocao-e-garantia-dos-direitos-da-populacao-LGBTI.html>. Acessado em: 18/01/2022.

importantes subdimensões, como determinação, esforço, autoeficácia, perseverança e autoavaliação, e há um claro apontamento para a organização da escola em atenção ao acolhimento das diversidades que as juventudes trazem, bem como a um percurso formativo que, observando diferentes percursos e histórias de vida, faculte aos sujeitos da aprendizagem a definição dos seus Projetos de Vida, em âmbito individual e coletivo (SEC, 2020, p.06).

Essa disciplina pode ser considerada uma das principais ferramentas do colégio para o debate de gênero e sexualidade, uma vez que grande parte das atividades escolares do Iceia, especificamente, as feiras e projetos realizados por professores não trabalham diretamente com a temática. Ao questionar a direção do colégio sobre a necessidade de termos um maior espaço de discussão acerca das relações de gênero, diversidade e sexualidade, percebemos que a própria direção sente falta de uma articulação entre profissionais que atuam na escola com estudantes, principalmente, em realizar trabalhos que provoquem o reconhecimento da diversidade.

Ficamos presos realmente no componente curricular de Projeto de Vida, temos que expandir nossa comunicação e de alguma forma trazer essas temáticas para nossa vivência escolar. Acredito que precisamos de iniciativas, a semana pedagógica pode ser um bom começo, argumentar que precisamos focar na diversidade, falar de sexualidade sem tabu, reconhecer as identidades de gênero (SILVA, 2022, entrevistado pelo pesquisador)

É perceptível que muitas vezes as famílias não aceitam a sexualidade e têm comportamentos abusivos e violentos, e cabe a escola gerar uma rede de proteção, porque, para muita gente, a casa é um lugar de proteção, mas para a população LGBTQI+, infelizmente, nem sempre encontra e a escola precisa promover este acolhimento e não criar mais sofrimento. “Existe um desafio muito grande, muitas vezes a escola é um lugar de refúgio para essas pessoas que às vezes sofrem violências em casa, na rua ou em vários outros lugares”, (SILVA, 2022, entrevistado pelo pesquisador). A diretora também destaca que há um desafio em identificar quando os alunos não estão bem, mas que isso intensificou com as aulas remotas, uma vez que ao encontrar os alunos presencialmente, o professor começa a notar certas mudanças de comportamento e emocionais que podem ajudar a perceber que algo vem acontecendo com este aluno ou aluna.

Um dos nossos trabalhos de acolhimento é justamente reconhecer as fragilidades dos alunos que fazem parte da nossa comunidade escolar e fazer com que possamos atender essa demanda. Não tenho como dizer que é fácil, é um trabalho de formiguinha que depende de uma série de fatores sociais, culturais e ético. Minha vontade fazer com que todos da escola possam ter informação (SILVA, 2022, entrevistado pelo pesquisador)

A falta de informação, porém, juntamente com o preconceito e a violência que é praticada contra essa comunidade, seriam o real problema, parte de um conservadorismo muito violento e acaba por afetar não só o desempenho acadêmico, mas a própria existência. A coordenação pedagógica do Iceia evidencia que o acolhimento é feito pela equipe, independentemente de ser alguém da área técnica, professor ou aluno, a equipe não olha essas condicionantes em torno do indivíduo: classe, raça, origens para avaliar essas condições.

Temos total atenção com todos alunos da nossa escola. Buscamos sempre, junto a Secretaria de Educação, identificar as necessidades de entendermos que temos uma comunidade diversa. Temos pais evangélicos, católicos, do candomblé e isso às vezes dificulta certas ações do colégio, principalmente, quando o tema é sexualidade. Tentamos debater isso, mas ainda é um tabu, contamos mesmo com os professores, pois são eles que estão na linha de frente gênero (SILVA, 2022, entrevistado pelo pesquisador).

É interessante notar que é essencial que a coordenação pedagógica crie estratégias para tornar o acolhimento mais evidente no colégio, para isso, os canais de comunicação precisam ser colocados à disposição dos estudantes, principalmente, do corpo técnico e da comunidade escolar. Canais como e-mails, WhatsApps, Instagram e Facebook podem facilitar com que o estudante se sinta mais à vontade de se comunicar e receber o acolhimento.

Percebemos que a escola pode reproduzir o que acontece na sociedade, ou seja, se temos preconceito de classe raça e gênero, automaticamente a escola será um espaço em que isso poderá ocorrer, mas cabe a instituição se reestruturar e articular pedagogicamente para diminuir. O Iceia, assim como qualquer outra escola, tem uma enorme contribuição a dar nesse sentido, porque é ali que se formam as futuras gerações. Apesar das discussões cada vez mais presentes acerca da temática, inclusive a recente criminalização da transfobia e homofobia, o que tem se visto nos últimos anos é um silenciamento das escolas em relação à diversidade sexual e o combate às discriminações e violências de gênero, percebo que precisamos lutar muito e continuar batendo na mesma tecla de que precisamos urgente de uma mudança no processo de ensino-aprendizagem e de como acolhemos nossos alunos e alunas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, realizei esta pesquisa de campo e de observação acerca das noções aqui destacadas e discutidas ao longo da especialização. A ideia central desta pesquisa foi

reivindicar uma formação adequada aos profissionais que atuam na instituição e reconhecer os conflitos, tensões e disputas que ocorrem na escola.

A pesquisa abriu os olhos da equipe gestora, se sentiram à vontade para se expressar e eu notei que, até então, a questão era pouco discutida dentro da escola. O respeito e o combate à LGBTfobia são questões que precisam ser abordadas para promover uma sociedade mais justa. Isso já seria suficiente para que elas estivessem presentes na educação básica.

Olhar os estudantes é uma maneira de observar as violências sofridas por eles. “Segundo a Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil, 60% dos estudantes LGBTQIA+ se sentiram inseguros na escola por causa de sua orientação sexual, 73% foram agredidos verbalmente e 27% fisicamente” (ONLINE, 2019)⁶. Por isso, temos a necessidade de encontrar medidas e soluções para que sejam tomadas pela escola. O Iceia foi apenas um pequeno recorte de como a falta de preparo e acolhimento pode dificultar a permanência do estudante LGBTQIA+ na escola. É essencial reformular as estratégias de acolhimento escolar, isto é, os gestores precisam garantir que o respeito à diversidade seja uma diretriz da escola e inserido no projeto político-pedagógico (PPP) da instituição.

Referências

BOZON, M..**Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRASIL, República Federativa do. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, República Federativa do. **Brasil Sem Homofobia**: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. Comissão Provisória de Trabalho do Conselho Nacional de Combate à Discriminação da Secretaria Especial de Direitos Humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRILHANTE, Aline V. M.; MOREIRA, Claudio. **Formas, fôrmes e fragmentos**: uma exploração performática e autoetnográfica das lacunas, quebras e rachaduras na produção de conhecimento acadêmico. *Interface (Botucatu)*, v. 20, p. 1099-1113, 2016.
DOI : [10.1590/1807-57622016.0130](https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0130)

CARDOSO, Livia de Rezende; GUARAN, Ann Letícia Aragão; UNGER, Lynna Gabriella Silva; PIRES, Manuella de Aragão. **Gênero em políticas públicas de educação e currículo**: do direito às invenções. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.17, n.4, p. 1458-1479 out./dez. 2019 e-ISSN: 1809-3876. Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP.

⁶ Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1816/assim-se-faz-uma-escola-acolhedora>. Acessado em: 19/01/2022.

CATRINCK, I. M. O.; MAGALHÃES, S. A. B.; CARDOSO, Z. S. **Políticas Públicas Educacionais de Gênero e Diversidade Sexual: avanços e retrocessos.** Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, v. 29, n. 58, p. 187-200, 4 jul. 2020.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. **Autoethnography, personal narrative, reflexivity.** In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). *Handbook of qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000. p. 733-768.

GONÇALVES, Marco Antônio Teixeira; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vania (Eds.). **Etnobiografia: subjetividade e etnografia.** Rio de Janeiro: 7letras, 2013.

GRANT, Alec. Inaugural Conference of British Autoethnography Keynote. **Autoethnography: threat and promise.** *Brighton Journal of Research in Health Sciences*, v. 1, n. 1, 2014.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** EDA/FBN, Brasília, 2012.

QUEIROZ, D; VALL, J; SOUZA, A, M; VIEIRA, N, F. **Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos E Aplicações.** UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83.

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade.** Rev. Educação & Realidade, v. 25, n. 2, 2000.

LOURO, G. L.. **Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas.** Educação em Revista (UFMG), v. 46, p. 201-218, 2007.

SOUZA, Homero Henrique de; FIALHO, Lia Machado Fiuza. **A Importância das Políticas Públicas Educacionais para as Questões de Gênero e Sexualidade na Escola.** Inovação & Tecnologia Social. nº 3.2020. p. 19-32.